

ARMANDO VALLADO
ANDRÉ RICARDO DE SOUZA

TRAJETÓRIA DOS DEUSES

E SUA CULTURA



DA ÁFRICA AO BRASIL

**ARMANDO VALLADO
E ANDRÉ RICARDO DE
SOUZA** são mestrandos
em Sociologia
na Universidade de
São Paulo.

*Notas sobre o Culto
aos Orixás e Voduns,*
de Pierre Verger, tradução
de Carlos Eugênio
Marcondes de Moura,
São Paulo, Edusp, 1999.

*"Quem é ateu
E viu milagres como eu
Sale que os deuses sem deus
Não cessam de brotar...
... Ojùobá ia lá e via..."
(Caetano Veloso,
"Milagres do Povo").*

Pierre Verger, belga-europeu de nascimento, afro-brasileiro por escolha. Este fotógrafo, etnólogo e viajante percorreu o mundo regis-trando através de suas lentes as faces, os costumes, enfim, os jeitos de ser e de viver de diversos povos, sobretudo dos países chamados do Terceiro Mundo. Quis entender a riqueza cultural diversa daquela que a Europa podia lhe oferecer. Veio à Bahia pela primeira vez em 1946, lugar escolhido como referência para as viagens de investigação à África e depois como morada definitiva até sua morte em 1996.

É inegável o fascínio de Verger pelo povo baiano. Nos últimos anos de sua vida parece ter colocado todo seu talento a serviço do registro daquele jeito gracioso que a Bahia tem de ser. Ele mergulhou na poesia e na alegria desse povo negro-mulato sofrido. Arrebatado pelo candomblé, conforme suas palavras, uma religião "de em-

pregadas domésticas e lavadeiras humilhadas, de carregadores e operários mal pagos" que se tornam "filhos e filhas de Deuses, respeitados, admirados, cortejados...", o pesquisador se fez servidor do axé, reconstrutor da trajetória memorial da cultura e dos deuses da África às Américas.

Ao estabelecer para si o desafio de relatar o culto às divindades africanas, Verger empreendeu a construção de uma ponte histórica simbólica sobre o Atlântico. Sua pesquisa teve início em 1948. A experiência em retratar o *modus vivendi* de alguns povos, a capacidade de percepção estética e a convivência com o povo baiano foram os elementos reunidos por ele para a construção de tal "ponte". Com essa bagagem, foi à Nigéria, berço da cultura iorubá, do candomblé baiano, modelo que prevalece no Brasil, e ao Benin (antigo Daomé), de onde vieram as nações jeje e fon, que cultuam voduns ao invés de orixás.

Verger pesquisou também o culto aos voduns do tambor-de-mina do Maranhão.

Esta obra, publicada em francês pelo Instituto Francês da África Negra no ano de 1957, constitui um verdadeiro dossiê de informações sobre o culto às divindades africanas, que originou outro importante livro de Verger, *Orixas*, publicado pela Corrupio em 1985.

Durante a pesquisa Verger realizou três viagens ao continente africano, caracterizadas por profícua convivência com as populações locais e observação atenta aos relatos e eventos rituais. Uma vasta bibliografia sobre os "negros animistas", seus

Na página anterior, "O senhor da terra" (Ayinon) dançando e girando diante dos fiéis

deuses e cultos, foi analisada e, em parte, transcrita por ele. O pretexto de um conhecimento aprofundado sobre o “tráfico de escravos” conduziu Verger a uma minuciosa documentação temperada com um sentimento de solidariedade com o povo negro, numa combinação de racionalidade e afeto, talvez por força dos deuses.

Como leitores brasileiros buscamos as semelhanças e diferenças entre África e Brasil. A comparação é de fato uma constante na obra de Verger. Ele faz da fotografia um recurso magnífico para evidenciar a continuidade religiosa-cultural. Na África foi preciso que Verger mostrasse aos negros nativos as fotos de brasileiros mestiços mais claros para que eles se convencessem de que não se tratava de moradores de aldeias vizinhas a eles. Houve espanto e contemplação. Pudera, há muito não tinham nenhuma notícia de seus “primos” vindos para o Novo Mundo e nem tampouco imaginavam tamanha sobrevivência cultural no tempo e no espaço.

As fotos abriram portas para a aproximação de Verger às comunidades africanas pesquisadas. Em contrapartida, alguns objetos sagrados e portanto “carregados de axé”, trazidos por ele da África para o povo-de-santo baiano, intensificaram sua participação nesse grupo. Como um elo entre os dois espaços geográficos dos deuses, África e Brasil, Verger acumulou confiança e afeto desses “povos-de-santo”, vindo a tornar-se conhecedor dos segredos do oráculo de Ifá. Ele foi chamado de Fatumbi – o renascido por Ifá.

Chamava a atenção de Verger o fato de poucos países com descendentes dos negros libertos da escravidão terem conservado “como na Bahia o orgulho da origem africana”. Este orgulho levou-o a compreender o que seus olhos viam, em consequência foi chamado pelo povo-de-santo de Ojúobá (os olhos do rei). Ele buscou primeiramente compreender a origem dos cultos aos deuses africanos no Brasil, a partir dos “batusques” dos negros escravos que aos olhos de seus senhores reforçavam suas rivalidades étnicas ou expressavam uma fé “católica”, apenas aparente, pois era necessário louvar

Santa Bárbara no lugar de Iansã. Guiado pelos olhos de pesquisador, Verger foi saber como se dava na África o culto a Iansã (Oyá), divindade do rio Níger, dos ventos, das tempestades e dos mortos.

Além da fonte viva, para a pesquisa, Verger recorreu à vasta literatura escrita por missionários católicos, administradores coloniais, historiadores e antropólogos da época do tráfico de escravos e da constituição dos cultos negros nas Américas. Entre os textos analisados estão os de William Bascom, Padre Baudin, Nina Rodrigues, Melville Herskovits, Martiniano do Bonfim e os pesquisadores contemporâneos a ele, Roger Bastide, Lúcia Cabreria, René Ribeiro e Artur Ramos. Verger transcreveu longos trechos desses escritos, dando atenção às polêmicas entre os autores. Tais textos preenchem de forma enriquecedora esta obra.

Notas sobre o Culto é composto por 16 capítulos, curiosamente o mesmo número dos búzios presentes no oráculo de Orunmilá, divindade da adivinhação. Verger inicia o livro discutindo a questão do tráfico de escravos e a formação do candomblé. Fatos históricos, curiosos e marcantes são tratados: a observação de Bartolomeu de Las Casas a favor da escravidão, para a qual os negros eram mais “convenientes”, em relação aos índios; as trocas comerciais de mercadorias por prisioneiros de guerra entre portugueses e africanos do Daomé; a revolta dos negros muçulmanos na Bahia (os malês); a volta de negros alforriados à África para se dedicarem ao comércio de escravos, e a grande preponderância dos nagôs na última leva de africanos ao Brasil na metade do século XIX, negros estes que constituíram os primeiros terreiros de candomblé. Verger afirma que a vinda dos orixás e voduns aos terreiros para serem louvados e festejados é a essência dessa religiosidade, “as divindades africanas retornam à Terra, da qual parecem ter conservado a nostalgia, para receber saudações e oferendas dos homens e conceder-lhes, por sua vez, proteção”.

No segundo e no terceiro capítulos o autor trata de elementos fundamentais dos

cultos às divindades africanas; “o culto ao orixá dirige-se, portanto, a dois elos que se juntam – parte fixada da força da natureza e ancestral divinizado”. Cada pessoa é filha de uma divindade, para a qual deve ser iniciada para “nascer” e levar uma vida feliz. Cada um deve estar em harmonia com sua “fonte vital”. Verger parte desse princípio para explicar a importância do *oriki*, forma de louvação às divindades, que elucida e dignifica seu papel em feitos lendários. Nesses capítulos têm-se a visão cosmogônica africana de alguns povos estudados, exemplificada através de rituais como o Bori (ritual propiciatório ao ori, cabeça) e iniciação de uma sacerdotisa ao vodun Sapata em Abomé.

Os demais capítulos são dedicados aos orixás e voduns, relatando minuciosamente suas personalidades, origens míticas, locais de culto, louvações (*oriki*) e cantos (*orin*). É interessante notar que a seqüência dos relatos acompanha aquela vista na maioria dos terreiros de candomblé, nos dias de festa, no chamado *xirê*, louvor aos orixás através de canto e dança na roda de santo. Ao longo desses capítulos Verger trata ainda de concepções africanas da criação do mundo, vida e morte, questão do bem e do mal e da concepção de *riqueza*, bastante relacionada com a fertilidade humana e agrícola.

Os mitos são fundamentais na preservação e, por que não dizer, na resignificação do culto às divindades africanas nos países da diáspora negra. Tais contos sagrados, antes transmitidos oralmente de geração em geração, tomam um sentido mágico pois compõem um instrumento de ligação entre homens e divindades e homens entre si. Na concepção negro-africana,

a oralidade está imbuída de uma força divina que dá origem e explicita tudo, sobretudo o que não tem explicação, apenas é. Há pouco mais de um século os mitos passaram a ser escritos, lidos e publicados por autores interessados em registrar a tradição oral.

Nessa obra, Verger conta mitos coletados oralmente na África e a partir de literatura já existente na época. Entre eles há um mito de Exu que o autor diz ter extraído do “caderno de um adivinho” da Bahia, não identificado por ele. Em 10 de abril de 1999, data em que essa obra, traduzida por Carlos Eugênio Marcondes de Moura, chega a público na Pinacoteca do Estado de São Paulo, foi também lançado o livro *Caminhos de Odu*, de autoria do prof. Agenor Miranda da Rocha, organizado por Reginaldo Prandi. Foi o prof. Agenor, na verdade, quem escreveu em 1928 o tal caderno referido por Verger, a partir dos ensinamentos de sua mãe-de-santo Aninha, Iyá Obabiyí, fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá de Salvador, Bahia. Verger havia recebido uma cópia desse caderno das mãos de Mãe Senhora, então ialorixá do Opô Afonjá. Pode-se dizer que as anotações feitas pelo prof. Agenor vieram da África contadas por Mãe Aninha, filha de negros da nação grunci, voltaram à África (foram ao mundo) pelas mãos de Verger e retornaram ao Brasil, publicadas por seu real autor, 71 anos depois. Segue o trânsito na “ponte” Brasil-África.

Pierre Verger, pesquisador, europeu, racional, distante, colaborador, embaixador intermediário entre “dois mundos”, construtor cultural e afro-brasileiro apaixonado, deixa seu legado em *Notas sobre o Culto*, como um olhar sábio aos olhos do rei.

BIBLIOGRAFIA

ROCHA, Agenor Miranda da. *Caminhos de Odu*. Organização de Reginaldo Prandi. Rio de Janeiro, Pallas, 1999.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notes sur le Culte des Orisha et Vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et à l'ancienne Côte des Esclaves en Afrique*. Dakar, I.F.A.N, 1957.

_____. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. 2ª ed. São Paulo, Corrupio e Círculo do Livro, 1985.